

XI Jornadas de Sociología. Facultad de Ciencias Sociales, Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires, 2015.

Los viajes etnográficos de Mário de Andrade.

Luna Campos.

Cita:

Luna Campos (2015). *Los viajes etnográficos de Mário de Andrade*. XI Jornadas de Sociología. Facultad de Ciencias Sociales, Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-061/130>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

A “viagem etnográfica” de Mário de Andrade (1928-29) ¹

Luna Campos – Universidade Federal do Rio de Janeiro

lunaribeirocampos@gmail.com

Resumo:

Este trabalho analisa o tema das viagens no escritor modernista brasileiro Mário de Andrade (1893-1945), tendo como foco principal as crônicas oriundas da “viagem etnográfica” feita ao Nordeste do Brasil em 1928/29, e que foram publicadas no *Diário Nacional* de São Paulo com o título *O Turista Aprendiz*. Tomando a etnografia como uma categoria nativa, e evitando, portanto, defini-la ou qualificá-la de acordo com os parâmetros atuais da antropologia, a proposta é aproximar o escritor modernista de uma “sensibilidade etnográfica” comum aos anos 1920. Esta categoria é interessante para pensar as experiências etnográficas de Mário de Andrade por abrir espaço para considerar práticas não profissionais. No caso da “viagem etnográfica”, esta sensibilidade se articula tanto através do interesse pelas diversidades culturais quanto por um olhar atento para as desigualdades sociais. Desse modo, acreditamos que as viagens configuraram, na trajetória de Mário de Andrade, uma forma especial de conhecer o Brasil e interpretá-lo. Forma esta que se revela nas leituras etnográficas proporcionadas pela experiência do deslocamento espacial, e que fazem da viagem ao Nordeste, em particular, momento importante de um movimento intelectual em direção à pesquisa e valorização do elemento folclórico, principalmente em sua forma musical.

Palavras-chave: Mário de Andrade; modernismo; viagem; sensibilidade etnográfica; folclore.

¹ Este trabalho corresponde a uma parte de minha dissertação de mestrado intitulada “Sensibilidade etnográfica, narrativa e interpretação do Brasil: a viagem de Mário de Andrade ao Nordeste”, defendida em agosto de 2014 no Programa de Pós Graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Brasil, sob a orientação do professor André Botelho.

Mário Raul de Moraes Andrade (1893-1945) foi um intelectual paulista que se tornou uma das maiores figuras literárias do movimento modernista no Brasil. Seu contato inicial com o mundo artístico se deu através da música – seu principal campo de interesse – quando se diplomou no Conservatório Dramático e Musical de São Paulo, em 1917. No entanto, intelectual autodidata, Mário de Andrade transitava e atuava, com facilidade e competência, por áreas diversas, como música, artes plásticas, poesia, literatura, contos, ensaios, história, folclore, etnografia, crítica musical, patrimônio histórico e jornalismo. Entre muitas atividades trabalhou como professor de música e de História da Música no Conservatório Dramático e Musical de São Paulo, como colaborador de vários jornais e revistas e como gestor do Departamento de Cultura do Município de São Paulo (1935-1938).

Durante sua curta vida, Mário de Andrade realizou poucas viagens, deixando registro sistemático de apenas duas, uma à região norte (1927) e a outra à região nordeste (1928-29) do Brasil. O diário resultante da viagem à Amazônia foi retrabalhado na forma de livro pelo escritor e em 1943 contava com uma redação para-definitiva com o título *O turista aprendiz: viagens pelo Amazonas até o Peru pelo Madeira até a Bolívia e por Marajó até dizer chega*, que, no entanto, não chegou a ser publicada. A viagem ao nordeste, por sua vez, foi registrada na forma de crônicas diárias que o escritor publicava no periódico paulista *Diário Nacional* com o título *O turista aprendiz*, e também em um caderninho de bolso, onde o escritor manteve um diário pessoal escrito à letra miúda. Mário de Andrade reuniu as crônicas de *O turista aprendiz* em uma pasta e nomeou o material de “viagem etnográfica”.

Ambas as viagens foram palco de experiências muito distintas, e para apreender suas particularidades elas devem ser consideradas separadamente. O fato de os relatos das duas viagens terem sido publicados, postumamente, em conjunto tem levado a fortuna crítica de Mário de Andrade a analisar tanto a viagem ao norte quanto a viagem ao nordeste de maneira equivalente, como se 1) as viagens fossem iguais em sua concepção e realização, 2) como se o viajante amazônico fosse o “mesmo” e alentasse os mesmos projetos e objetivos do pesquisador do folclore nordestino, e 3) como se a mesma experiência etnográfica da viagem ao nordeste pudesse ser assimilada à viagem ao norte. Acreditamos que a etnografia em Mário de Andrade precisa ser tomada como uma categoria nativa, isto é, é preciso tentar vê-la pela ótica do escritor/viajante, a partir de seus próprios usos. Isso se justifica não só para evitar uma análise apressada que vincula a etnografia marioandradina com as práticas que atualmente definem o termo na

Antropologia, como também para valorizar as diferentes experiências encontradas em cada viagem.

Neste sentido, pretendemos analisar, nos limites deste artigo, o tema das viagens no polígrafo modernista Mário de Andrade, tomando como foco principal as crônicas oriundas da “viagem etnográfica” feita ao nordeste. Acreditamos que as viagens configuraram, na trajetória de Mário de Andrade, uma forma especial de conhecer o Brasil e interpretá-lo, tanto através das leituras como do deslocamento espacial, e que a viagem ao nordeste é a marca de um movimento ascendente em direção à pesquisa e valorização do elemento folclórico, principalmente em sua forma musical.

Relatos de viagem

A figura do viajante costuma ser marcada por certo ar de mistério, e normalmente o gosto pela literatura de viagens está ligado ao gosto pela aventura, pelo fantástico, pelo exótico. Existem diversos motivos que levam as pessoas a viajar, que vão, dentre outros, desde a busca dos meios de sua subsistência e por razões profissionais, até a busca da compreensão de si mesmo ou do outro. Há diversas questões envolvidas no ato de viajar, que são moldadas de acordo com o período histórico e o contexto social, que fazem com que este ato adquira significados distintos em cada época.

Um dos materiais que nos permite desenhar de maneira aproximativa o modo como se forma essa figura do viajante são os seus relatos de viagem. O século XIX é o momento em que há uma profusão de viajantes no Brasil, que foi explorado de Norte a sul por inúmeras expedições científicas.² Nesse contexto, a viagem ocupava um lugar muito importante na formação individual, e Sussekind (1990) salienta o fato de que havia uma aceitação tácita de que ao leitor era reservado o papel de “aprendiz”. Os relatos de viagem eram encarados no século XIX “não apenas como divertimento, mas sobretudo como meio de conhecimento, educação e acesso a informações históricas, geográficas e sobre usos e costumes, de outros povos; de outro modo inacessíveis a um público que ‘não há de ir ver as cousas com os próprios olhos da cara’ (idem, p. 77)”.

Já na segunda metade do século XIX, essa situação começa a se modificar, e já é possível notar um movimento autorreflexivo dos relatos de viagem referentes ao Brasil, onde o narrador volta-se criticamente para si mesmo, abandonando o ponto de vista fixo

² Sobre os viajantes que passaram pelo Brasil no século XIX, ver MINDLIN, 1991.

do observador que só olhava para paisagens intransferíveis e que interessassem à História Natural.

Flora Sussekind, em um estudo sobre o papel do narrador na literatura brasileira do século XIX,³ chama a atenção para a escassez de relatos de viagens de brasileiros pelo Brasil; estes, quando feitos, entravam para a literatura de ficção. O mais comum eram relatos de brasileiros sobre suas viagens pela Europa. De acordo com a autora,

o relato de viagem enquanto gênero particular seria praticado com mais intensidade por aqui durante a segunda metade do século XIX. Depois, portanto, desse período inicial da ficção brasileira. [...] De fato, só se multiplicam significativamente os exemplos do gênero a partir do momento em que são definidas fronteiras um pouco mais rígidas entre a escrita literária e os diários e narrativas “científicos” ou de simples registro de expedições, e redefinidas essa figuração inicial do narrador de ficção como viajante e o tipo de relações possíveis entre prosa de ficção e relato de viagem, já nos anos 50 [do século XIX] (SUSSEKIND, 1990:74).

Os relatos de viagem passaram, historicamente, por dificuldades de classificação enquanto gênero literário devido sobretudo ao seu caráter híbrido, que mescla várias modalidades narrativas. É possível afirmar que houve a passagem de uma narrativa de descoberta e aventura, onde o foco encontrava-se no mundo exterior, no desconhecido, para a narrativa de uma experiência, que coloca o próprio viajante no centro das preocupações; a atenção teria passado da apresentação de um novo universo para os efeitos deste na subjetividade do viajante. Nesse sentido, como observa Nitrini (1998), o relato de viagem passou a se desenvolver, a partir do século XIX, mais próximo da literatura que da historiografia.

Estas dificuldades de classificação se aplicam aos relatos de viagem de Mário de Andrade, que não podem ser facilmente assimilados às práticas narrativas que se convencionou incluir no rótulo genérico de “literatura de viagem”. Como salientou Botelho (2013:19), é preciso “buscar qualificar a relação sempre mais contingente e complexa entre literatura ‘e’ viagem”.

A viagem

Assim como as viagens podem ter motivações diversas, os seus relatos também. Diferentes livros de viagem podem realizar diferentes balanços entre informar ou tentar

³ Cf. SUSSEKIND, 1990.

entreter o leitor. Alguns têm uma aspiração mais literária, enquanto outros se inclinam mais para a reportagem e o jornalismo.

A viagem feita à região Nordeste no final de 1928 foi chamada por Mário de Andrade de “viagem etnográfica”. Nesta viagem, que durou três meses (de meados de dezembro de 1928 a meados de março de 1929), Mário de Andrade, partindo sozinho de São Paulo, percorre diversas cidades nordestinas encontrando amigos e coletando uma série de materiais folclóricos para suas pesquisas e estudos sobre o folclore e as expressões musicais populares.

O desejo de entrar em contato com esse popular e o reconhecimento da necessidade em conhecer, documentar e usar como fonte para a produção erudita as manifestações populares já vinha de longa data, e vai começar a se desenvolver mais esquematicamente nessa viagem, onde Mário coleta mais de 500 expressões musicais populares, além de objetos, fotografias etc.

Durante a viagem, Mário, que já contribuía no periódico paulista *Diário Nacional* com artigos sobre arte e música, será seu correspondente no Nordeste, enviando diariamente crônicas de viagem relatando suas experiências em terras nordestinas. A coluna, intitulada *O Turista Aprendiz*, será publicada na forma de um diário de viagem, indicando local, hora e data, e tratando dos mais diversos assuntos. Os relatos da viagem ao Nordeste se revelam como um momento no qual está presente tanto a dimensão do trabalho, estudo e pesquisa, como também a das férias, descobertas, do encontro com os amigos, da diversão; um tempo no qual o poeta-escritor-jornalista foi reunindo materiais para reflexões diversas, que foram se realizando tanto ao sabor dos momentos, quanto posteriormente.

Podemos dizer que a viagem ao Nordeste possuía motivações diversas, e por isso guarda tantas dimensões. Se podemos afirmar que o mote principal da viagem foi a pesquisa de manifestações populares, também podemos afirmar que esta não se fez desacompanhada de uma reflexão crítica sobre a sociedade brasileira, onde o viajante e cronista não abriu mão de expor a extrema desigualdade social associada à tão valorizada diversidade cultural, aspecto nem sempre lembrado nas análises da “viagem etnográfica”.

O qualificativo “etnográfico” utilizado para caracterizar a viagem tem feito com que a experiência vivida no nordeste seja recuperada por seus intérpretes muitas vezes sob um viés institucionalista, que vê na “viagem etnográfica” um embrião da proto-história da antropologia no Brasil, e vinculando diretamente o escritor modernista à criação desse campo em solo brasileiro. Ainda que Mário de Andrade tenha não só

contribuído, como também se beneficiado dos avanços da institucionalização da antropologia e das ciências sociais como um todo, a importância da “viagem etnográfica” não se encontra em, ou apenas se resume a, o que lhe foi posteriormente atribuído. Nossa hipótese é que Mário de Andrade era contemporâneo de um contexto intelectual onde se compartilhava o que George Stocking Jr. (1989) chamou de “sensibilidade etnográfica”, que, no Brasil dos anos 1920, corresponde à década anterior ao surgimento dos primeiros cursos universitários de sociologia e antropologia.

A ideia de uma “sensibilidade etnográfica”, a nosso ver, sintetiza bem o clima intelectual que caracterizou os anos 1920, tanto na França e nos Estados Unidos como no Brasil, e que se baseava em uma vontade/curiosidade em estudar e conhecer o “outro”. O olhar das vanguardas se voltou e se abriu para as diferenças, e engendrou uma atitude de interesse e respeito com as civilizações que se estendiam para além do olhar ocidental. Enquanto as vanguardas europeias iam à África em busca de “primitivismos”, em busca de novos elementos que pudessem renovar e trazer mais dinamismo para a arte ocidental, os modernistas brasileiros se deram conta de que a fonte para a renovação estética e cultural podia ser encontrada no próprio substrato nacional.

Em carta de 1925 ao amigo e folclorista Câmara Cascudo, Mário de Andrade já revela sua vontade em ir ao encontro desse Brasil desconhecido:

Meu Deus! Tem momentos em que eu tenho fome, mas positivamente fome física, fome estomacal de Brasil agora. Até que enfim sinto que é dele que me alimento! Ah, se eu pudesse nem carecia você me convidar, já faz muito que tinha ido por essas bandas do Norte visitar vocês e o Norte.

Em carta ao poeta Manuel Bandeira, o *turista aprendiz* compartilha um pouco do trabalho de coleta de expressões musicais folclóricas que vem realizando durante o período em terras nordestinas:

Bom dia e boas festas. Ando catimbosando, ouvindo coco, vendo “baiano”, Boi, colhendo Congo, talvez amanhã colherei Fandango também inteirinho apesar das dificuldades já colhi umas 150 melodias. Estou fazendo aliás observações bem interessantes sobre a maneira de cantar da gente de cá [...] Por estes dias vou ao engenho do Antônio Bento onde Chico Antônio me espera pra cantar os cocos dele. Depois Paraíba onde espero colher a Nau Catarineta, Fandango e Boi além de cocos. Depois Pernambuco pra cair no frevo. Depois Bahia pra estudar os imaginários [...] (Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira, 2001:411).

A rotina e trabalho do turista aprendiz, do viajante/pesquisador fica registrada em seu caderninho de bolso, demonstrando que junto ao prazer da viagem há muito trabalho, além de chamar a atenção para a realização de sua etnografia particular:

Mês: Dezembro

18 – Escrevi crônicas. [...] Fomos no Areal, bairro de embarcadiço, operários, etc., construído sobre uma duna, assistir a um ensaio de Chegança. Numa saleta alumiada com querosene, dançaram e cantaram duas horas e meia. Estupendo. Dia aproveitadíssimo com isso.

19 – Vida sem sair. Tomei temas de Cabocolinhos.

20 – Dia tomando temas de Chegança.

21 – Dia tomando temas de Catimbó.

22 – De manhã os catimbozeiros me dando cantigas – Passeinhos pela cidade. De noite ensaio do Boi Calemba no bairro do Alecrim, lua, vento e areão, um Mateus estupendo. Viola e rabeca.

24 – Escrevo cartas etc. Vejo ensaios de Pastoril. De Noite, quermesse no sítio de Cascudinho e arredores [...].

26 – Dia besta que passo meio irritado por não trabalhar nem passear. Pobre do Antônio Bento é que se mexe e de noite principio colhendo o Congo.

27 – Jovino me canta o Congo e eu o escrevo, dia inteiro. De noite não posso nem conversar de tão derreado.

28 – Amanheci bem disposto [...] De noite afinal fui fechar o corpo no catimbó de dona Plastina, no Alecrim. Os mestres da cerimônia foram os feiticeiros Manuel dos Santos e João Germano. Noite inesquecível.

30 – [...] Noite coqueiros vieram cantar e danças. Depois veio o “Boi” de S. Gonçalo.

31 – Dia bestinho. Não fiz nada.

Se é possível apontar para a existência de uma sensibilidade para a alteridade que configura uma constante nas crônicas do *turista*, esta não está, no entanto, orientada apenas para a busca e valorização das diversidades culturais, para catalogar as diferenças ou para a coleta de manifestações folclóricas, mas também é direcionada por uma sensibilidade para as hierarquias e as desigualdades sociais.

Essa relação, que une o interesse cultural com a sensibilidade para as desigualdades sociais, percorre toda a trajetória do escritor, e pode ser vista de maneira particular nas crônicas da viagem ao nordeste, ora mais, ora menos enfatizada. Isto é dizer que o empenho em compreender as manifestações culturais populares, em valorizá-las como elementos formadores de nossa cultura não vem desacompanhado de uma reflexão crítica sobre as desigualdades sociais imperantes no Brasil, preocupação do autor pouco ressaltada por seus intérpretes.

Em sua análise do folclore nordestino, Mário de Andrade não dissociava a cultura popular das suas condições de produção, e por isso fazia questão de estar sempre comunicando notícias sobre “o homem do povo”, e suas condições de vida, moradia, alimentação e trabalho, sempre muito atento às desigualdades sociais que permeavam esse universo popular. Ainda que essa temática apareça pontualmente nos relatos, ficando mais evidente ao final do período no Rio Grande do Norte, ela não só pode ser vista como um pano de fundo da análise cultural marioandradina, como também aponta para uma

preocupação central do escritor, que, a nosso ver, realiza uma análise da diversidade cultural sem encobrir as relações sociais desiguais nas quais ela está calcada.

Se na virada para o século XX, devido à ocorrência de grandes secas e ao incremento da produção de borracha, o destino mais comum de migração nordestina era a região Norte, atrás de empregos e melhores condições de vida, nas primeiras décadas do século XX o Norte será trocado pelo sul, e uma grande massa de nordestinos migrará para São Paulo em busca de uma saída para a situação de pobreza e miséria advindas com a seca, mas também heranças do sistema colonial.

Na crônica do dia 15 de janeiro o *turista aprendiz* introduz a questão da “fuga” dos nordestinos para o sul:

Nós aí no sul por essa esquematização precipitada em que o espírito vive pra pensar prático, costumamos imaginar que da Bahia pro Equador está o “Norte”. Ora não tem nada de mais afastado que o Norte do Nordeste. O Norte vive estigmatizado por aquela umidade fabulosa que chega a embolorar objeto de uso cotidiano. E a assombração deste Nordeste é a seca. Se um tempo inda o nordestino atraído pela borracha, nem bem seca chegava, tornava-se paroara no Acre, no Amazonas, isso está passando já. Agora são as fazendas e cidades do sul, principalmente paulistas que atraem o nordestino.

Essa eterna “ida-e-volta do trabalhador nordestino”, juntamente com reflexões sobre suas condições de vida, será o principal tema das crônicas seguintes. Nos dias que seguem a esta crônica, Mário de Andrade vai dar de frente com a seca e com a miséria de algumas regiões nordestinas, e o impacto desse encontro será tão forte que nesse momento a literatura perde espaço nas crônicas do *turista*, pois falar sobre aquela situação era imperativo. Ele passa pelas salinas de Macau, “paisagem horrorosa de medonha”, “miséria semostradeira de vilareco”, mas que possui uma usina “que pode abastecer o mundo quando a indústria se desenvolver completamente”. O calor pavoroso faz com que trabalho nela seja completamente penoso para os trabalhadores, e o cronista aproveita seu espaço no jornal para denunciar essas condições de trabalho: “O ganho diário na usina é de 5 mil réis pelas oito horas de trabalho, o que se não chega a ser propriamente um crime é porque custa bem a gente distinguir o que seja crime nesta sociedade em que vivemos”.

Essa situação representada pela seca evidencia que a sensibilidade do escritor pelas diferenças é também um olhar atento para as desigualdades. Ao entrar em Catolé do Rocha, a capital do cangaço paraibano, Mário de Andrade chama a atenção para o “lema dos proletários nordestinos”, que aparece em praticamente todos os relatos relacionados às cidades/lugarejos nordestinos assolados pela seca:

Afinal entramos em Catolé do Rocha, com procissão do orago, rojões, gente bêbada e mendigos. Mas a cidade está desfalcada. Cerca de 1.100 famílias da zona foram pra S. Paulo. “Vam’bora pro sul!...” Este refrão vai me perseguindo com amargura. “E só se fala agora em ir pra S. Paulo” acrescentou o informante... (*Diário Nacional*, 28 fev., 1929).

O trecho a seguir constitui uma das passagens mais críticas feita por Mário de Andrade ao longo da viagem. Nela o poeta contesta com veemência a imagem do sertanejo construída e cristalizada no senso comum do brasileiro - do sul: a de que o homem do sertão seria um “forte” por aguentar as intempéries climáticas:

Pois eu garanto que **Os sertões** são um livro falso. A desgraça climática do Nordeste não se descreve. Carece ver o que ela é. É medonha. O livro de Euclides da Cunha é uma boniteza genial porém uma falsificação hedionda. Repugnante. Mas parece que nós brasileiros preferimos nos orgulhar duma literatura linda a largar da literatura duma vez pra encetarmos o nosso trabalho de homens. Euclides da Cunha transformou em brilho de frase sonora e imagens chiques o que é cegueira insuportável deste solão; transformou em heroísmo o que é miséria pura, em epopeia... Não se trata de heroísmo não. Se trata de miséria, de miséria mesquinha, insuportável, medonha. Deus me livre de negar a resistência a este nordestino resistente. Mas chamar isso de heroísmo é desconhecer um simples fenômeno de adaptação. Os mais fortes vão embora. “Vam’bora pro sul!...”

Considerações finais

Durante a “viagem etnográfica”, Mário se dividiu e se multiplicou entre a atividade de musicólogo – coletando e anotando as diversas expressões musicais folclóricas – e de jornalista – escrevendo crônicas de jornal diárias. De acordo com Toni (1990:33), “a quantidade do material [coletado] teria sido suficiente para fazer uma enciclopédia musical do Nordeste”. Mário se debruçou intensamente sobre o universo de materiais coletados no nordeste até aproximadamente 1935. A sistemática coleta folclórica dará origem a inúmeros projetos, dentre os quais o plano de escrever uma obra de referência sobre o folclore musical nordestino, que se chamaria *Na pancada do ganzá*, entre diversos outros projetos que ficaram inconclusos devido à morte precoce do pesquisador.

Entre as diversificadas áreas de interesse das quais se ocupou Mário de Andrade, sua atuação e dedicação no Departamento de Cultura de São Paulo (1935-1938) constitui o auge, em sua trajetória, de seu comprometimento em valorizar, estudar, pesquisar e divulgar o folclore popular brasileiro. Durante esse período, em que o artista teve que colocar em suspenso a maioria de seus projetos pessoais, Mário se dedicou integralmente

à divulgação da cultura, encabeçando no Departamento de Cultura uma série de projetos que visavam à popularização da literatura, artes, música etc. Como transparece no estudo de Flávia Toni, havia em Mário de Andrade o ideal de democratização do saber, que envolvia uma dinâmica entre a “apreensão do dado popular, sua análise e consequente transmissão aos que possam desfrutá-lo” (TONI, 1990:15).

Nos limites deste trabalho, é possível ressaltar que o interesse do escritor pelas coisas populares e pelo seu reconhecimento como fonte da cultura brasileira vinha de longa data, e é possível encontrar seus traços em praticamente todos os seus escritos. As viagens constituíram uma forma privilegiada que o poeta encontrou para se aproximar desse Brasil de que tanto se alimentava, que tanto amava e para o qual viveu intensamente. A viagem foi para Mário de Andrade uma forma de conhecer, e, nesse caso, as crônicas uma forma de se expressar, articulando formas e práticas de conhecimento da realidade. As viagens permitem à imaginação alçar voos, proporcionando também o exercício da reflexão, essencial para esse tipo de conhecimento. As viagens guardam em si uma dimensão de experiência sociológica e antropológica, que proporciona a experiência concreta, do contato direto.

O próprio título atribuído à viagem ao Nordeste permite se aproximar, de antemão, da concepção e do caráter que a viagem assumiu para o viajante, que combinou a faceta do turista com a do aprendiz, isto é, ao mesmo tempo em que se considera um turista, que se desloca no espaço para conhecer novas paragens e paisagens, o que pode ser visto de maneira pejorativa e unilateral, pouco aberta ao diálogo, pois lhe basta “ver” o novo, ele também se considera um aprendiz. O escritor-viajante já parte com uma atitude “aberta”, receptiva para o outro, e para a mudança com que está sujeito ao se permitir entrar nessa relação.

Ainda que com muitas reservas, Mário de Andrade levava a sério a proposta modernista de valorização da diversidade cultural e, mais que isso, de encarar o “outro” como um “outro significativo”, que como produtor de cultura também é capaz de contribuir para a construção da nação. A atitude modernista com a alteridade se expõe na medida em que a diferença não é mais colocada sob a ótica do atraso, do que não tem valor por não ser igual, e que portanto necessita ser modificado para funcionar na mesma lógica.

O interessante das crônicas do *Turista Aprendiz*, que à primeira vista não constituem nem as mais conhecidas, nem as mais importantes do autor, é que elas realizam a conexão entre nossos dois polos de interesse: viagem e etnografia. Se a etnografia tem uma relação umbilical com a viagem, e por consequência com o relato de viagem, a crônica aparece, nesse caso, como o mediador desses dois polos. Aqui, as crônicas – um híbrido de gêneros literários – constituem uma forma particular do viajante se aproximar dos seus temas de interesse, proporcionados pela viagem.

A “viagem etnográfica” aparece, assim, não só como um momento crucial na trajetória de Mário de Andrade, marcando ao mesmo tempo um período de extrema felicidade e também a raiz de uma série de projetos inacabados, mas também por refletir a “sensibilidade etnográfica” dos anos 1920 em contexto brasileiro.

Por sua característica híbrida e pela sua fluidez e liberdade de escrita, a crônica se adequa bem às ambiguidades da criação de Mário de Andrade, aparecendo como o meio ideal para representar um material que não é nem um relato de viagem e nem um registro de pesquisa etnográfica, mas que se situa entre esses dois lados.

O turista aprendiz aparece como o resultado de uma experimentação da ideia de etnografia misturada com a experimentação de um relato de viagem, e justamente essa não delimitação de fronteiras, essa ambiguidade que caracteriza tanto o escritor – Mário de Andrade – como seus escritos – as crônicas – aponta para o potencial criativo da flexibilidade e da imbricação de gêneros literários e áreas de interesse, mostrando que essas ambiguidades podem ter resultados de grande valia.

Referências bibliográficas:

ANDRADE, Mário de. *Ensaio sobre a Música Brasileira*. São Paulo, Chiarato, 1928.

_____. *Mário de Andrade escreve cartas a Alceu, Meyer e outros*. (org) Lygia Fernandes. Rio de Janeiro: Editora do autor, 1968.

_____. *O Turista Aprendiz*. Estabelecimento do texto, introdução e notas de Telê Porto Ancona Lopez. São Paulo: Duas Cidades/Secretaria de Cultura, Esportes e Tecnologia, 1976.

BOTELHO, André. *De olho em Mário de Andrade: uma descoberta sentimental e intelectual do Brasil*. São Paulo: Claroenigma, 2012.

_____. “A viagem de Mário de Andrade à Amazônia: entre raízes e rotas”.

Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, Brasil, n. 57, p. 15-50, 2013.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro; VILHENA, Luís Rodolfo da Paixão. “Traçando fronteiras: Florestan Fernandes e a marginalização do folclore”, In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol.3, n.5, p-75-92, 1990.

CLIFFORD, James. *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. Organizado por José Reginaldo Gonçalves. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2011.

CORRÊA, Mariza. *As ilusões da liberdade: a Escola Nina Rodrigues e a antropologia no Brasil*. Bragança Paulista: Editora da Universidade São Francisco, 2001.

Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira/organização, introdução e notas Marco Antônio de Moraes. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, Universidade de São Paulo, 2001.

FARIA, Ana Maria de Reis. *As viagens da fiandeira: a narrativa de O turista aprendiz e a escrita memorialística de Mário de Andrade*. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura, no Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2003.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. *A Retórica da Perda: os discursos do patrimônio cultural no Brasil*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.

_____. *A etnografia como auto-retrato: espaço, tempo e subjetividade em Luís da Câmara Cascudo*. Paper apresentado no IX Congresso Internacional da BRASA, Estados Unidos, 2008.

_____. “Apresentação”, In: *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. Organizado por José Reginaldo Gonçalves. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2011.

_____. “O modernismo antropológico de Edward Sapir – Entrevista com Richard Handler”. Rio de Janeiro: *Revista Sociologia & Antropologia*, v. 2, n. 4, 2012.

LOPEZ, Telê Porto Ancona. ““Viagens etnográficas” de Mário de Andrade”, In: Andrade, Mário de. *O Turista Aprendiz*. Estabelecimento do texto, introdução e notas de Telê Porto Ancona Lopez. São Paulo: Duas Cidades/Secretaria de Cultura, Esportes e Tecnologia, 1976.

MACHADO, Cristiane. *Poética do lugar em Mário de Andrade, Graciliano Ramos e Lévi-Strauss*. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Letras, UFRGS, 2008.

MINDLIN, José E. “Viajantes no Brasil: viagem em torno dos meus livros”. *Estudos Históricos*, 1991.

OLIVEIRA, Pedro Rocha de. “Viagem etnográfica” ao Nordeste do Brasil: a crítica cultural de Mário de Andrade. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará, 2010.

ORTIZ, Renato. *Românticos e folcloristas – cultura popular*. São Paulo: Editora Olho d’Água, 1992.

PEIXOTO, Fernanda Arêas. “O olho do etnógrafo”. *Sociologia&Antropologia*, Rio de Janeiro: 2011.

ROSENBERG, Fernando J. *The avant garde and geopolitics in Latin America*. University of Pittsburgh Press, 2006.

SANTOS, Manuela Assunção. *Mário de Andrade: um etnógrafo amador*. Dissertação de mestrado. Departamento de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2002.

SAPIR, Edward. “Cultura, autêntica e espúria”. Rio de Janeiro: *Revista Sociologia & Antropologia*, v. 2, n. 4, 2012.

STOCKING JR., GEORGE W. “The ethnographic sensibility of the 1920s and the dualism of the anthropological tradition”, In: *Romantic Motives – Essays on anthropological sensibility*. The University of Wisconsin Press, 1989.

SUSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

TONI, Flávia Camargo. *O Pensamento musical de Mário de Andrade*. Tese de doutorado. Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 1990.

_____. *A música popular brasileira na vitrola de Mário de Andrade*. São Paulo: SESC/SENAC, 2003.

TRAVASSOS, Elizabeth. *Os mandarins milagrosos: arte e etnografia em Mário de Andrade e Béla Bartók*. Rio de Janeiro: Funarte; Jorge Zahar Editor, 1997.